

## A trajetória de um grupo e a criação de um núcleo

Yvone Dias Avelino\*

Nosso grupo, hoje denominado CORDIS,<sup>1</sup> nasceu no ano de 1991 com um conjunto de professores e alunos interessados em refletir sobre “História e Literatura”. Eram professores que pesquisavam nas áreas de História da América, História e Arte e História e Literatura, da PUC-SP e da USP.

Participando, os seus integrantes, de encontros científicos, e estabelecendo contatos com outras instituições, fomos convidados pelo professor Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy da USP que há muito vinha pesquisando a mesma temática, com outro grupo de mesmo perfil, e mesma composição que o nosso.

Aceitamos vivamente mais esse desafio na nossa trajetória, era o que pensavam e expressavam todos. Das primeiras reuniões surgiu a possibilidade de estabelecer-se como temática comum as antinomias Saúde/Doença – Vida/Morte, haja visto interesse de todos em lidar com as tramas<sup>2</sup> da vida no espaço urbano.

A partir da realização de Seminários e Encontros, nasceu o nome do grupo e a proposição da pesquisa intitulada *Saúde, doença e morte, suas representações na cidade de São Paulo (1850/1940)*. As discussões se processavam, outras pessoas se integravam e criaram-se vertentes de análise de acordo com as fontes disponíveis: legislação, discurso médico, viajantes, imprensa, almanaques, demografia, literatura, hoje acrescidas pela criminalidade, religiosidade e cultura indígena.

\* Departamento de História da PUC-SP

- 1 Cf. as razões deste nome, in: Avelino, Yvone Dias, “História social da saúde, da doença e da morte e suas representações na cidade de São Paulo (1830-1940)”, *Revista Projeto História*, 10. São Paulo, dez. 1993, p. 139.
- 2 Os fatos não existem isoladamente e nesse sentido o tecido da história é o que se chama de “trama”. Essa trama não se organiza em uma seqüência cronológica, ela pode passar de um plano para outro. É impossível descrever a totalidade e toda descrição é seletiva, o historiador nunca faz o levantamento do mapa factual, ele pode, no máximo, multiplicar as linhas que o atravessam.

Os integrantes do grupo foram dilatando seus interesses acadêmico-profissionais-pessoais e, alguns, por razões diversas, acabaram por deixar o CORDIS. Uns meses antes deste grupo existir já havíamos proposto ao Departamento de História uma discussão sobre a criação de Núcleos, Institutos e Centros de Pesquisa, tão em moda em outras Universidades, Departamentos e Programas de Pós-Graduação.

Por indicação do Colegiado, havia se formado uma comissão com os professores: Vera Lucia Vieira, Adilson José Gonçalves e por mim. Elaboramos um documento que foi aprovado em reunião do Colegiado de professores; depois de terem sido encaminhadas cópias a cada docente, com certa antecedência à pauta de discussão, para opinarem. Se não me falha a memória, um pouco antes, já se esboçava nesse Departamento de História o Núcleo da Mulher com atividades bastante produtivas.

Os meses passavam, e nada se concretizava além desse Núcleo da Mulher, apesar da aprovação do Colegiado sobre o documento apresentado. Coincidindo com a reestruturação do Grupo CORDIS, pessoas que permaneciam, pessoas novas, novas fontes, interesses dilatados e muita expectativa, reativamos a discussão dos Núcleos em uma reunião do Departamento, e, novamente, foi instituída uma Comissão para objetivar normas de organização dos Núcleos a serem criados. A Comissão, composta pelos professores Antonio Rago Filho, Fernando Torres Londoño, Adilson José Gonçalves e por mim, elaborou um documento que, com alguns reparos e indicação de outros Núcleos, foi aprovado por unanimidade.<sup>3</sup>

Delineado mais esse novo perfil de incentivo à pesquisa no curso de graduação, criou-se a possibilidade da implantação do Núcleo de História Social da Cidade, sob minha coordenação, alocado ao Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para onde se dirigiram os componentes do Grupo CORDIS.

Esse Núcleo se organizou em torno de dois projetos temáticos: “Viver e morrer em São Paulo. As representações da saúde, doença e morte (1850-1940)” e “Universidade, memória e sociedade” (1945 até nossos dias).

Sobre o primeiro projeto, já tivemos oportunidade de apresentá-lo na *Revista Projeto História*, 10, publicada pela EDUC (1993).

Pela pesquisa desenvolvida estamos elaborando um texto filtrado pela análise de fontes diversas sobre a História da saúde, doença e morte, circunscrita à cidade de São Paulo no período entre os anos de 1850 a 1940. São Paulo, desde meados do século

3 Os documentos apresentados pelas Comissões de Proposta de Núcleo e de Implantação de Núcleos e aprovados respectivamente em reuniões do Colegiado do Departamento de História da Faculdade de Ciências Sociais da PUC-SP acham-se nos arquivos do referido órgão. Não foram aqui anexados porque achamos que não se fazia necessário.

XIX, começava a redefinir as questões relativas a SDM (Saúde, Doença e Morte), no sentido de encaminhar e de normatizar a ação pública na área. Configura-se a associação de práticas médicas com as ações do Estado, como estratégia para planificação urbana e conseqüente controle social. Os fenômenos de modernização e de modernidade permeiam-se no cenário histórico, onde a urbanização se faz acompanhar da crescente adaptação cultural dos ideários externos. Além disso, evidencia a crise do sistema patriarcal e a expansão de um Estado normatizador, que buscava a realização da nacionalidade pós-independência. Busca-se o entendimento da vida paulistana face às diferentes percepções da S.D.M., pontuadas por suas representações e cercadas pelas condições que conferiram a São Paulo a marca de sua personalidade como *êthos* urbano.

O segundo projeto, que caracteriza a outra vertente de análise do trabalho de pesquisa *do Núcleo de História Social da Cidade*, especificamente, trata da História da PUC-SP. Este projeto se organizou muitos anos antes do primeiro e do novo rumo do Departamento dentro da política dos Núcleos. Surgiu quando o então Vice-Reitor Acadêmico, professor Dr. João Edênio dos Reis Valle, solicitou ao Departamento de História que fosse feita a História da PUC-SP. Dado ao fato de somente dois professores<sup>4</sup> daquele Departamento se interessarem pelo tema, a responsabilidade de sua coordenação passou ao Programa de Pós-Graduação em História. No início formou-se um grupo especial de pesquisa incluindo alunos e professores, estabelecendo-se um plano de trabalho que remontaria ao ano de 1945. Muitas dificuldades fizeram com que esta idéia inicial sofresse alterações. Dentre elas podemos mencionar o péssimo estado da documentação sobre o assunto, a qual empoeirada e desorganizadamente repousa, não em “berço esplêndido”, mas no rés do chão de uma sala do “Prédio Velho” da PUC. Esta documentação é imprescindível ao estudo dos primeiros tempos da Universidade e não dispúnhamos, na ocasião, de condições e tempo para catalogá-la.

Uma das razões é a de que o grupo reduziu-se em virtude dos alunos terem prazo para a entrega de suas dissertações de mestrado. Na prática continuaram atuando só os dois professores do Programa de Pós-Graduação em História, responsáveis pelo tema.<sup>5</sup> Assim sendo, a falta de pessoal exigiu que fosse feita uma reestruturação do

4 Adilson José Gonçalves e Euclides Marchi, que trabalharam na organização do “Museu de Rua” juntamente comigo, com os professores Dra. Luciana Silveira de Aragão e Frota, Jorge Claudio do Porandubas e Selma do Departamento de Antropologia da PUC-SP. Este Museu foi realizado com a colaboração do engenheiro Julio Abe, ligado a documentação fotográfica da Prefeitura de São Paulo, e foi exposto por ocasião do aniversário da Universidade, onde se encontra até hoje distribuídos os painéis sem seqüência, totalmente danificados e violentados nos corredores do subsolo.

plano de pesquisa. De comum acordo optamos por inverter a abordagem prevista. Ou seja, partimos da realidade do “aqui e agora”, levando em consideração os que pensavam e faziam a PUC naquele momento histórico. Estávamos na década de 80. Isto tudo, naturalmente, dentro de uma compreensão mais complexa do conceito de Universidade, do que era a universidade brasileira e especificamente desta Universidade “democrata e pluralista”.<sup>6</sup> Esta terminologia era voz corrente entre os depoimentos extraídos através da DO (Documentação Oral),<sup>7</sup> entre os que detinham cargos de direção acadêmica e/ou administrativos na PUC-SP. Optamos pela DO por ser, no caso, a técnica de pesquisa mais adequada ao nosso trabalho. Pelo seu próprio caráter, ela complementa e muito auxilia a pesquisa contemporânea.

Propriamente em termos históricos, o recurso dos testemunhos orais é antigo. Já em sua *História da Revolução Francesa*, Michelet põe na palavra do povo o próprio fundamento da tradição nacional. Modernamente em 1948, Allan Newins, da Universidade de Columbia, *acrescentou* as fontes orais captadas junto a testemunhos da História, dos documentos que já constavam de arquivos impressos e escritos.

De qualquer forma, o valor da incorporação destes testemunhos nada representaria não fora a proposta de, através desta forma técnica, atingir-se pela prática a etnológica retrospectiva de um revisionismo, que tem como propósito fazer construir uma História com nova base, dando palavra aos representantes das minorias culturais. Paul Thompson vai mais longe. Pretende que a técnica atue como instrumento de uma contra-História.

Com o aumento do interesse pelo assunto, estas reflexões podem repousar sobre a concordância com o antropólogo, sobre o fato de que o homem percebe, pensa e se exprime nos *termos de sua cultura específica*.

Dentro da própria História é preciso admitir que não há, com o tipo de coleta de material oral, uma História que se possa chamar de totalmente espontânea.

Tal qual outros tipos de fontes para o historiador, o resultado da entrevista, ou seja, o texto transcrito deve ser submetido ao mesmo trabalho crítico de outros docu-

5 O trabalho passou a ser efetivamente realizado pelas professoras Dras. Yvone Dias Avelino e Luciara de Aragão e Frota.

6 A universidade brasileira havia se democratizado e era assunto de mesas-redondas, palestras e comunicações em simpósios nacionais. Na realidade, observava-se que em alguns aspectos ela havia falido e em outros crescido. O binômio docência/pesquisa cada vez mais se solidificava. Ela “inchou” com o aumento de clientela, mas permaneceu elitista em outros aspectos.

7 Técnica complementar de pesquisa ligada à elaboração de documentação contemporânea. Vem sendo usada em nosso trabalho com as mesmas preocupações que norteiam o historiador com relação ao documento histórico e à concepção própria da História.

mentos e as mesmas leituras múltiplas e acuradas. A atração de tornar possível a apreensão da História em processo do fazer-se é, portanto, um risco a ser minimizado.

Os caminhos ampliam-se e distanciam-se, só de fazer falar a documentação, agora trata-se de tornar-se responsável também por elaborá-la, preservando-a para o futuro.

Assim, muitas leituras sobre Universidade e os trabalhos daqueles que foram entrevistados, submetemos a um processo de análise. Familiarizados com o seu pensamento, ficou mais fácil a confecção do documento oral. Desta forma, idealizamos a possibilidade da criação do “Laboratório Interdisciplinar de Documentação Oral”, cuja proposta, já com os estatutos, foi submetida à apreciação da Comissão Geral de Pós-Graduação.<sup>8</sup>

Aprovado, iniciamos um trabalho conjunto, com os cursos de Ciências Sociais e Serviço Social. Era uma ousadia, e foi um trabalho árduo, posto que era a História Oral, como se convencionou chamá-la nos Estados Unidos e na Inglaterra, muito pouco usada no Brasil e sofria muita discriminação por parte dos historiadores. Fosse hoje, talvez, o Laboratório tivesse vingado. A proposta era formar um acervo com a documentação utilizada pelos alunos de outros centros universitários, a grande maioria do nordeste, vindos com bolsas PICD. Além da falta total, de um apoio institucional, do descrédito da técnica utilizada, a professora que conosco colaborava, por razões pessoais, prestou concurso em uma Universidade Federal. Deixou a PUC, e ambas propostas, a da História da Universidade e a do Laboratório Interdisciplinar de Documentação Geral, que hoje seria talvez pioneiro depois do CPDOC, dada a importância da Documentação Oral na preservação da Memória, feneceram.

A DO, modernamente, vem galgando uma posição relevante junto ao rol das técnicas metodológicas das diversas áreas científicas.

Portanto está a exigir atenções mais constantes quanto a definição do seu corpo teórico, bem como de uma legislação específica. Estes serão temas a serem enfocados e que não podem ser desprezados.

DO é, basicamente, a conservação do conhecimento e da experiência dos homens por meio de fitas de gravação. Corresponde, portanto, à preocupação maior da História que se interessa, num sentido amplo, com o homem, suas idéias e palavras, elementos essenciais nas tentativas de compreender o curso de suas ações ao longo do tempo. Ela não é porém privativa do historiador (é um sistema extrator de memória e de histórias de vida e pode ter seu campo estendido para subsidiar outras áreas).

8 Esta documentação encontra-se nos arquivos da Pós-Graduação da PUC-SP. Não está aqui anexada por se tratar de um documento volumoso.

Depois de uma década, com o plano da candidatura do professor Joel Martins, e a criação do PUC 2000, novamente fomos convidados para reativar o projeto da História da Universidade. O PUC 2000 era também uma proposta arrojada que não encontrou ressonância. Restou-nos associar a nossa já avançada pesquisa ao Núcleo de História Social da Cidade, recém criado, e nesta vertente de pesquisa encontramos alguns colaboradores: professor Adilson José Gonçalves e professora Rosa Kulcsar, do Departamento de História, Roberto Coelho Barreiro Filho, doutorando, e a mestranda Vanessa Simon Cavalcanti, ambos alunos do Programa de Pós-Graduação de História, professora Ane Shyrlei Araújo da Faculdade de Comunicação e Filosofia, alguns alunos e, por mim, que coordeno este projeto.

Para proceder o levantamento de dados referentes a estrutura da Universidade, nada mais natural que ouvir os seus agentes. Criar de modo científico, re-presentificando o passado para entender esta Universidade hoje. Como ela se projeta na sociedade, especificamente no bairro de Perdizes, onde se espraia o seu espaço físico.

Assim sendo, parece-nos que se justificam as temáticas das duas pesquisas estarem integradas nesse Núcleo que basicamente objetiva:

- desenvolver projetos científicos que possibilitem interações: ensino/pesquisa; percepção/expressão; teoria/práxis; universidade/sociedade;
- estimular debates, participar de simpósios, encontros e seminários; promover eventos acadêmicos, educacionais e culturais;
- incentivar o fomento à iniciação científica;
- criar condições para o diálogo constante com a sociedade, através da pesquisa, da extensão, da assessoria e prestação de serviços;
- sedimentar projetos inter, multi e transdisciplinares nas áreas de saúde, educação, cultura e arte;
- propiciar o intercâmbio entre a universidade, a comunidade, a iniciativa privada e o poder público.